

Pacem in Terris, Laudato Si e Fratelli Tutti: Encíclicas que contribuem na Educação para a Paz, sob o olhar de Paulo Freire e Leonardo Boff

Pacem in Terris, Laudato Si and Fratelli Tutti: Encyclicals that contribute to Education for Peace, under the eyes of Paulo Freire and Leonardo Boff

Juliana Boff Aramayo Cruz¹
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
julianaboffac@gmail.com

Peri Mesquida²
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
mesquida.peri@gmail.com

Resumo: O objetivo desse artigo é realizar uma análise interpretativa das Encíclicas papais *Pacem in Terris*, *Laudato Si* e *Fratelli Tutti* a partir dos pressupostos epistemológicos de Paulo Freire e Leonardo Boff e identificar como elas podem contribuir na educação para paz diante do cenário desafiador do século XXI. Para a análise interpretativa foi utilizada a hermenêutica como método, a partir de obras de Boff; Freire; Francisco e João XXIII, entre outros(as). Constatou-se que a proposta de uma educação para a paz, pautada em princípios éticos como a solidariedade universal, o diálogo, a justiça, o cuidado e a cooperação, podem promover uma ecologia integral, permeada pela esperança, e consequentemente uma cultura de paz.

Palavras-chave: educação para a paz; esperança; utopia da educação.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

² Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

Abstract: The objective of this paper is to carry out an interpretative analysis of the papal Encyclicals *Pacem in Terris*, *Laudato Si* and *Fratelli Tutti* from the epistemological assumptions of Paulo Freire and Leonardo Boff and to identify how they can contribute to education for peace in the face of the challenging scenario of the 21st century. For the interpretative analysis, hermeneutics was used as a method and, based on works by Boff; Freire; Francisco and João XXIII, among others. It was found that the proposal of an education for peace, based on ethical principles such as universal solidarity, dialogue, justice, care and cooperation, can promote an integral ecology, permeated by hope, and consequently a culture of peace.

Keywords: education for peace; hope; utopia of education.

Introdução

O cenário mundial atual tem em seu bojo inúmeros desafios e situações, herdeiros de uma forma de poder-dominação, que usou a ciência e o desenvolvimento técnico como recurso de intervenção, dominação e, infelizmente, agressão sobre o meio ambiente ecológico e social. Como pano de fundo, orientando as ações e encaminhamentos presentes, está o capitalismo como modo de produção e, como expressão política, o liberalismo e o neoliberalismo (BOFF, 2022).

Partindo desse panorama, questionamos: de que maneira as Encíclicas papais *Pacem in Terris*, *Laudato Si* e *Fratelli Tutti*, podem contribuir na educação para paz diante do cenário desafiador do século XXI? O presente artigo se propõe a realizar uma reflexão acerca do papel e importância das três Encíclicas papais no desenvolvimento da educação para a paz no século XXI à luz de categorias epistemológicas de Boff e Freire.

Diante do cenário de emergência que experienciamos e os iminentes perigos vividos pela população mundial, essa investigação torna-se relevante. Como destaca Boff (2002), vivemos tempos de crise, mas que oportunizam a possibilidade de mudança e a criação de um novo cenário. Papa Francisco (2015) enfatiza a importância de continuarmos a caminhada cantando, isto é, que as lutas diárias “não nos tirem a alegria da esperança” (FRANCISCO, 2015, n.244), isto é, a chama da esperança deve permanecer acesa, iluminando o caminho a ser percorrido.

Para a elaboração deste artigo, utilizamos a hermenêutica como método. O método hermenêutico advém do vocábulo grego *hermeneuein*, verbo que significa interpretar, e do substantivo *hermeneia* que traduz o que é passível de interpretação. Ricoeur (1988, p. 45) conceitua a hermenêutica como uma “teoria da interpretação que nos leva a compreender” o texto. Assim, é importante que fixemos nossa atenção não somente no fenômeno, mas também no ato de compreensão a partir de uma escuta ativa à alteridade do texto. Gadamer (1999) nos lembra que o processo de compreender e interpretar estão interligados de maneira indissolúvel. Esse método nos permitiu realizar uma análise interpretativa das Encíclicas e dos textos utilizados e, assim, “ampliar, em círculos concêntricos, a unidade do sentido compreendido” (GADAMER, 1999, p. 142).

O trabalho está fundamentado principalmente nos autores como Boff (2002; 2003; 2006; 2010; 2012; 2014; 2015; 2021, 2022); Freire (1986; 2016; 2019; 2020; 2021); Francisco (2015, 2020) e João XXIII (1963).

Começaremos com uma breve contextualização do cenário atual, situando o contexto no qual nossos pés pisam e a importância de se pensar no desenvolvimento da educação para a paz a fim de superar os desafios presentes. Destacaremos aspectos relevantes, presentes na Encíclica *Pacem in Terris* (1963), elaborada pelo Papa João XXIII, e nas Encíclicas *Laudato Si* (2015) e *Fratelli Tutti* (2020), publicadas pelo Papa Francisco. Por fim, as considerações finais.

Esse tema se justifica por sua atualidade e sua relevância em um cenário de desesperança e de agravamento das fragilidades emocionais. Por mais difíceis que sejam os momentos de crise, eles são capazes de provocar nas pessoas a busca conjunta pela sua superação, movidas pela esperança de dias melhores. Esse movimento esperançoso passa pelo cuidado de si e dos outros, do qual os seres humanos tanto precisam hoje, e uma das formas de cuidar de si e dos demais é o diálogo amoroso. Não falamos aqui da esperança como espera, mas da esperança militante, da *militans spes*.

Os desafios impostos pelo neoliberalismo

Nessa conjuntura, algumas ameaças se impõem de forma significativa e ameaçadora. Destacaremos as que consideramos principais. Primeiramente, a crise climática, a partir da liberação excessiva de CO₂, metano e outros gases, gerando um aquecimento global progressivo. Esse aquecimento interfere no ciclo de carbono e, conseqüentemente sobre a disponibilidade de água potável e energia (BOFF, 2022; FRANCISCO, 2015). O relatório do IPCC – *Intergovernmental Panel on Climate Change* – Painel Intergovernamental para a mudança de clima – aponta que o aquecimento da atmosfera, oceanos e continentes, causado pela influência humana, trouxe mudanças no clima com eventos extremos como “ondas de calor, precipitação intensa, secas, e ciclones tropicais” (IPCC, 2021, p.12). Além disso, o relatório de 2022 alerta que até 2030, na região amazônica secas extremas vão impulsionar a migração para as cidades, em que povos indígenas e outras comunidades tradicionais podem ser forçados a viver a margem, além do fato de que a perda de ecossistemas, por sua vez, amplia a vulnerabilidade das pessoas (IPCC, 2022). “Aproximadamente 1.8 bilhão de pessoas residem em regiões classificadas como de baixa vulnerabilidade. Concentrações globais de alta vulnerabilidade estão surgindo em áreas transfronteiriças que alcançam mais de um país como resultado de questões interligadas e relacionadas à saúde, pobreza, migração, conflitos, desigualdade de gênero, inequidades, educação, alta taxa de endividamento, instituições fracas, falta de capacidade de governança e infraestrutura” (IPCC, 2022, p. 52). Ora, o cenário é alarmante e exige mudanças imediatas.

Outra ameaça presente é a possibilidade de uma guerra nuclear iminente. Um grupo renomado de cientistas que trabalhou na concepção da bomba nuclear, criou em 1945, quatro meses após o ataque a Hiroshima e Nagasaki, no Japão, o Boletim dos Cientistas Atômicos de Chicago, um movimento global de cientistas e cidadãos, com o objetivo de influenciar a ordem nuclear global, a partir dos princípios éticos e

políticos da tecnologia nuclear (BEARD, 2022). Esse boletim aponta que estamos atualmente a 100 segundos da meia noite para o fim do mundo. Isso ocorre devido às inúmeras guerras e conflitos internacionais que causam um risco iminente de destruir o mundo com tecnologias perigosas, como a bomba nuclear, fabricada pelos próprios seres humanos. É a tecnologia, ferramenta do progresso e desenvolvimento, como possibilidade de eliminar a vida do planeta Terra (BOFF, 2022).

O terceiro aspecto desafiador, e não menos grave que os anteriores, é a sobrecarga da Terra (*The Earth Overload*). Como bem relembra Boff (2022), o nível de *bondades* da natureza, nominado pelos andinos, (bens e serviços naturais, denominados como recursos na linguagem comercial), chegou em um nível tão elevado que é preciso uma Terra e meia por ano para atender à demanda consumista atual. Em 2022, o dia de sobrecarga da Terra foi 28 de julho. Depois disso, entramos no “cheque especial” do planeta e estamos consumindo bens naturais que a Terra já não é capaz de repor.

Outro aspecto preocupante é a escassez da água potável no mundo, pois foi transformada em um bem negociável, portanto inacessível a grande parte da população. Ocorre que a água é um bem comum, natural e essencial à vida, assim não pode ser uma mercadoria, e sim um bem de livre acesso a todos (BOFF, 2022).

Papa Francisco (2015) aponta a consequência social, oriunda da concepção neoliberal e atitude consumista, incentivada pela mídia e sociedade atual. Vivemos um aumento da exclusão, desigualdade social, da violência. Como trabalha de forma aprofundada Santos (2016), a divisão do mundo entre os países do Norte e do Sul, além da localização geográfica, traduzem formas de um *modus vivendi* regido pelos colonizadores, dominadores – Norte, sobre os colonizados e dominados, decorrentes do capitalismo. Do nosso lado, o Sul, estão os excluídos “seres sub-humanos não candidatos à inclusão social” (SANTOS, 2016, p. 16).

No mesmo sentido, Freire; Freire; Oliveira (2016, p.120) ressaltam que a ideologia neoliberal, referencial do modo capitalista de produção na atual fase, demanda a “coisificação das pessoas”, que são tratadas como objetos descartáveis, substituíveis e cada vez menos valorizadas. Além disso, outra consequência dessa ideologia é também o descaso com outros seres vivos e com a natureza, levando “à destruição do meio ambiente e inviabilizando a própria vida”.

Mas, Boff (2003, p. 88) nos lembra que nós, seres humanos, não somos seres somente de necessidades, como os animais. Não temos apenas fome de pão, “mas também fome de beleza, de comunhão e de transcendência. Numa palavra, [somos] fundamentalmente um ser de relações, de solidariedade e de comunhão”. Freire complementa essa concepção quando afirma que nós, seres humanos, somos capazes de nos relacionar, “de sairmos de nós mesmos; de nos projetar nos outros; de transcender” (FREIRE, 2020c, p. 37). É essa essência humana que precisa ser resgatada, retirada debaixo das cinzas e revigorada, para que possamos superar os desafios vividos e estabelecer uma nova forma de viver no e com o mundo, a partir da consolidação de uma cultura de paz.

A concepção originária da paz

Ao observar a ideia de paz a partir da mitologia grega, notamos que a questão da justiça já se fazia presente e essencial. Em grego, paz é *Eirene*, uma deusa, filha de Zeus com Têmis. Suas irmãs são a Equidade – *Eunomia* - e a Justiça – *Diqué*. Torrano (2011) afirma que Hesíodo acreditava que as injustiças sociais traziam prejuízos à natureza e subvertiam a ordem temporal. As *Hórai*, as três irmãs nascidas de Zeus e *Thémis*, “têm por função instaurar a boa distribuição dos bens sociais, as boas relações entre homens e a ordem que ritma as forças produtivas da Natureza” (HESÍODO, 2011, p. 62). Assim, desde a concepção grega de paz, notamos a presença da justiça e da equidade (com o sentido de isonomia) como elemento fundante e essencial.

Ainda, Ferry (2021) assinala que, da explicação do surgimento do mundo e dos deuses, a partir da perspectiva da mitologia grega, são deduzidas três ideias fundamentais que se apresentam como fio condutor nos mitos. A primeira é que a vida boa surge a partir de uma vida em harmonia com o cosmos. “Nada supera a existência justa, no sentido de que a justiça [...] seja antes de tudo [...] o fato de estar de acordo com o mundo organizado, bem-repartido e que tão penosamente saiu do caos. Esta passa a ser a lei do universo” (FERRY, 2021, p. 88). A segunda ideia advém da primeira, o contrário da ordem cósmica é a *hybris*, isto é, as atitudes como arrogância, descomedimento, insolência, orgulho, que levam os seres a não preservarem o seu lugar no Universo. Por fim, a maior virtude é a justiça, que é o acordo exato com a ordem cósmica, é ter consciência de nosso “lugar natural” no cosmos, sem errar por *hybris*, arrogância e descomedimento. Oriundo desse fio conductor filosófico da mitologia grega, notamos que três ideias são essenciais: o cosmos como ordem harmoniosa, a justiça como o acordo com essa ordem cósmica e a *hybris* como o desacordo.

***Pacem in Terris*, a busca da paz internacional Pós Guerra Fria**

A Encíclica *Pacem in Terris*, proposta pelo Papa João XXIII, em 11 de abril de 1963, é o documento papal com uma discussão mais direta sobre a importância e a necessidade da paz. O contexto na qual ela foi elaborada também é singular: dois anos após a construção do Muro de Berlim, poucos meses após a Crise dos Mísseis em Cuba e logo após a Guerra Fria, isto é, um cenário de perigo do uso de armas nucleares.

Pela primeira vez na história, o Papa João XXIII dirige a Encíclica a “todas as pessoas de boa vontade” (JOÃO XXIII, 1963) e não somente aos cristãos, pois a paz só pode ser alcançada pela colaboração de todos, independentemente de sua escolha de fé.

Josaphat (2019), destaca a tônica social desta Encíclica, pois procura articular os valores evangélicos e humanos com o contexto dos anos 1960. Há no documento uma articulação entre as propostas cristãs com os “sinais dos tempos”, como denomina Papa João XXIII. Ao afirmar que “hoje, [...] os trabalhadores exigem ardorosamente não serem tratados à maneira de meros objetos, sem entendimento nem liberdade, à mercê do arbítrio alheio, mas como pessoas, em todos os setores da vida social, tanto no econômico-social como no da política e da cultura” (JOÃO XXIII, 1963, n.40). Como afirma Freire (1996, p. 53) “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença entre o ser condicionado e o ser determinado”. Isso porque, para Freire, “onde

há vida, há também inacabamento. Onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender” (2021a, p. 55). Afinal,

é preciso que nosso corpo que socialmente vai se tornando atuante, consciente, falante, leitor, ‘escritor’, se aproprie criticamente de sua forma de vir sendo que faz parte de sua natureza, histórica e socialmente constituindo-se. Quer dizer, é necessário que não apenas nos demos conta de como estamos sendo, mas nos assumamos plenamente, como estes ‘seres’ programados para aprender de que nos fala François Jacob: ‘*nous sommes programmés, mais pour apprendre*’ (FREIRE, 2021b, p. 68).

Por esse motivo, para superar a condição de oprimidos, Freire propõe uma educação progressista, pautada no diálogo genuíno, crítico e libertador, que permite perceber e tratar os oprimidos como pessoas, conscientes de sua “vocação ontológica e histórica de ser mais” (FREIRE, 2020a, p.72). Assim, os oprimidos podem perceber-se como seres inacabados, que podem ir além de onde estão, por meio da consciência de sua presença no mundo, da influência histórica que recebem e da comunhão que vivem com os demais sujeitos (FREIRE, 2021a). Essa percepção de inacabamento, pode ocorrer a partir de um processo de conscientização, no qual os sujeitos são capazes de perceber o contexto no qual estão inseridos, as relações opressoras existentes e, assim, problematizar as contradições em busca de uma libertação assumida pelos homens e mulheres que se percebem oprimidos e oprimidas.

Ao analisar a Encíclica *Pacem in Terris* (1963), sua elaboração apresenta uma estrutura clara e ordenada de forma progressiva. Da primeira parte, deriva uma visão da ética pessoal e social necessárias para o desenvolvimento da paz, alicerçados em quatro valores essenciais: a verdade, a justiça, o amor e a liberdade. Em grande parte do documento, Papa João XXIII propõe como os valores éticos devem vigorar em cada Estado, destacando a necessidade de se observar o “bem comum”, no qual todos podem ser incluídos; na relação entre os Estados, acentuando a importância do desarmamento e das relações internacionais serem constituídas fundadas nos quatro valores essenciais propostos nesse documento – a verdade, a justiça, o amor e a liberdade. Por fim, ressalta as relações entre os seres humanos e os Estados com a comunidade mundial, ampliando o espectro e salientando a importância da ONU (Organização das Nações Unidas), como possibilidade de esperança a um mundo melhor e a Declaração dos Direitos Humanos na preservação da dignidade, direitos, da liberdade e da autonomia (JOSAPHAT, 2019). Mesmo que esses conceitos pareçam estar ligados ao liberalismo, eles ainda não foram materializados na vida das pessoas e, portanto, passíveis de serem realizados pela esperança militante. O referenciado Papa retrata a importância de uma justiça social e do cuidado nas relações, tanto pessoais como entre os Estados, para que possamos construir uma cultura de paz.

Ora, já em 1963, Papa João XXIII nos alertou para a importância de observarmos e desenvolvermos a ética pessoal, social, nacional, internacional e mundial, isto é, em suas diferentes dimensões. Em seu livro *Civilização Planetária*, Boff (2003) nos recorda que, Teilhard de Chardin nos advertia em 1933, de que a idade das nações já estava ultrapassada. Era preciso pensar em ultrapassar os preconceitos e construir a Terra para que a vida pudesse continuar. Boff (2003) denomina de consciência planetária a possibilidade dos seres

humanos se constituírem em cidadãos do mundo e não de um determinado país ou região. Essa condição faz de nós seres terrenos e pode desenvolver uma nova consciência, capaz de nos fazer questionar qual é o nosso lugar no processo cósmico global.

Para o referido autor, estamos próximos a um novo salto evolutivo, o surgimento da noosfera, que parte do princípio do encontro de todos os povos no planeta Terra, mas agora com uma consciência planetária comum. “Noosfera, como a palavra sugere (*nous* em grego significa mente e inteligência), expressa a convergência de mentes e de corações dando origem a uma unidade mais alta e complexa” (BOFF, 2010, p.1). Tal salto que traz uma nova condição, exige um documento que oriente as necessidades não só dos seres humanos, mas também da Terra, como organismo vivo, que precisa ter seus direitos preservados e respeitados, para que possamos manter a vida em todas as suas expressões.

A Carta da Terra redigida em 2000, com a participação de mais de cem países em sua elaboração e um longo processo de debates, propõe os princípios necessários para a manutenção da vida e mudanças que precisam ocorrer nos âmbitos pessoal, social e global. A educação tem um papel relevante no desenvolvimento de uma consciência planetária, por meio da valorização de atitudes críticas e criativas que permitam novas ideias e possibilidades às pessoas. Nesse sentido, o desenvolvimento de uma cultura da paz seria favorecido, pois “a humanidade seria a própria Terra enquanto pensa, quer, simboliza, projeta, sonha e ama” (BOFF, 2003, p.60), possibilitando uma melhor articulação entre o local e o global, o individual e o social, o racional e o emocional.

Quanto à paz, Freire (2019, p. 152) ressalta que ela “não precede a justiça. Por isso a melhor maneira de falar pela paz é fazer justiça”, ideia que reafirma o que o Papa João XXIII propôs na citada Encíclica e destaca a relevância de articular os preceitos cristãos com a realidade social e buscar superar os desafios que se impõe por meio de uma prática de justiça social e direito ao bem comum. A paz proposta por João XXIII, é uma paz pautada no bem comum, na preservação dos direitos humanos, na legitimidade do poder.

Destacamos a atualidade da *Pacem in Terris*, visto que é um documento que não perdeu sua validade, pois evidencia atitudes necessárias em um tempo que ainda se faz presente. Além disso, articula a proposta do Evangelho com a realidade social, buscando propor uma compreensão da realidade, dos seus desafios e intenções futuras. Sendo que, um dos maiores desafios que se coloca hoje, é que o neoliberalismo gera uma guerra de todos contra todos, considerada por Hobsbawm (1979, p. 408) “o ponto nodal da luta de classes entre a burguesia e a classe operária, e no interior mesmo desta classe”, luta esta que tem a ver com a competição hobbesiana do *homo homini lupus* (HOBBS, 1979, p. 75) que permanece presente na visão neoliberal de mundo (SANTOS & MESQUIDA, 2014).

***Laudato Si*, uma ecologia integral a favor da paz universal**

Papa Francisco assumiu o papado em 2013, trazendo ao cenário cristão, mas também ao contexto mundial, novidades. Foi o primeiro pontífice nomeado do hemisfério sul, região em que está a maioria pobre e onde vivem 60% dos católicos, quebrando a tradição da escolha de papas europeus (BOFF, 2014). Optou

por utilizar o nome de Francisco, em homenagem à Francisco de Assis, símbolo da humildade, fraternidade e cuidado aos pobres. Como afirma Boff (2014, p. 51), “Francisco não é um nome. É um projeto de Igreja, pobre, simples, evangélica e destituída de todo o aparato”. Por fim, foi o primeiro papa jesuíta da história. Como tal, fez votos de pobreza e os assume nas suas ações cotidianas e na sua forma de viver, atuando de forma pastoral e à serviço do povo e da Igreja, como propôs Jesus: “aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir” (MARCOS, 10: 43-45, 2002). Reside na casa de hóspedes do Vaticano, em vez dos aposentos papais no Palácio Apostólico. Utiliza o crucifixo de aço no lugar do habitual crucifixo de ouro. Prefere utilizar um carro popular para seu transporte, a usar a limusine papal blindada. Faz suas refeições no refeitório, junto aos demais hóspedes e pessoas que vivem na Casa Santa Marta, onde reside. Boff (2014, p. 83), resume o perfil do Papa Francisco: “mais serviço que comando; mais despojado do que ornado pelos símbolos palacianos; mais com “cheiro de ovelhas” do que de perfume de flores do altar”.

Assim como Francisco de Assis, Papa Francisco, desde o início de seu pontificado está atento e vigilante ao meio ambiente e a todas as criaturas que nele vivem e solicita às pessoas e governantes que cuidem de seu entorno. Tal é sua atenção e cuidado com essa questão, que em 2015 divulgou sua primeira Encíclica de autoria única, a *Laudato Si*. Esta Encíclica foi publicada seis meses antes da COP-21 (*Conference of the Parties* – Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas) em Paris, momento em que foram formalizados os compromissos ambientais urgentes dos 195 países participantes, de forma a contribuir na detenção do aquecimento global (BOFF, 2015).

Inspirada na vida e obra de São Francisco de Assis, que percebia a Terra como mãe e os seres como irmãos e irmãs, a Encíclica é atravessada por uma visão sistêmica e integrada da realidade, a partir de um olhar crítico sobre o modo de vida predominante na sociedade: o paradigma tecnocrático (FRANCISCO, 2015). Papa Francisco busca estabelecer uma “relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso” (FRANCISCO, 2015, n.16).

A *Laudato Si* é dirigida “a cada pessoa que habita neste planeta” (FRANCISCO, 2015, n.3) e não somente aos cristãos. Os fenômenos e desafios atuais precisam do engajamento de todos os cidadãos do mundo e a proposta desta Encíclica é dialogar com a humanidade acerca de nossa casa comum: a Terra.

Inicialmente, estabelece um panorama dos principais desafios enfrentados no mundo, tais como a poluição e as mudanças climáticas, que geram consequências ambientais, sociais, econômicas e políticas de grande impacto; a questão da água potável; a perda da biodiversidade; a desigualdade e exclusão social. Ora, Papa Francisco deixa claro que a crise ambiental vivida atualmente tem como causa o antropocentrismo que afasta o homem da natureza e o coloca como aquele que domina o mundo, gerando a tecnocracia, isto é, a ditadura da ciência e da técnica sobre a sociedade, prejudicando as relações humanas e trazendo consequências prejudiciais ao próprio ser humano. Na mesma direção, Freire (2019a) afirma que devemos lutar contra o poder que a globalização acentuou de forma simultânea à fraqueza daqueles que são mais

frágeis. Além disso, a crise ambiental não se refere somente ao aspecto ecológico, mas também à dimensão social (FRANCISCO, 2015). Como afirma Francisco (2015, n.10), “são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior”. Ressaltamos o destaque ao aspecto social, presente desde a Encíclica *Pacem in Terris* (1963) até as Encíclicas mais atuais como a *Laudato Si* e *Fratelli Tutti*, como aspecto basilar para a construção da paz.

Refletir sobre a paz e incluir a dimensão social e da justiça como elementos fundantes, é uma característica que notamos presente tanto no discurso do Papa João XXIII e Papa Francisco, como na proposta de Paulo Freire e Leonardo Boff.

Paulo Freire em especial, ao receber o “Prêmio UNESCO da Educação para a Paz”, em 1986, afirmou em seu discurso que

de anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi sobretudo que a paz é fundamental, indispensável, mas que a paz implica lutar por ela. A paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades sociais perversas. A paz se cria, se constrói na construção incessante da justiça social. Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças o torna opaco e tenta miopizar suas vítimas (FREIRE, 1986, p.4).

Desse breve trecho depreendemos alguns aspectos que vale destacar. Primeiramente que a paz não é algo supérfluo, irrelevante ou percebido como acessório, mas sim uma condição essencial, apesar de não ser gratuita ou um dado ontológico do ser humano. A paz é uma condição que precisa ser conquistada, construída a cada dia. Logo, ela também requer sua manutenção por meio de ações cotidianas e contínuas, caso contrário ela pode perecer e se extinguir rapidamente. Mas essa construção não se dá de qualquer maneira, e sim a partir da busca de superação das realidades injustas, de desigualdade e de opressão. Por isso, uma educação libertadora, realizada a partir da realidade de cada sujeito, que busca desenvolver a consciência crítica, questionadora, dúvida, problematiza e permite, por meio da dialogicidade, que cada sujeito seja autor de sua própria história.

Freire (2016) tem em sua concepção filosófica, marcas do Existencialismo cristão, quando concebe o ser humano como um projeto, uma possibilidade de vir a ser que se constitui na sua história de vida, a partir do desenvolvimento da consciência de nossa inconclusão e, assim, a busca por nossa completude. Não obstante, para que os homens e mulheres possam se engajar nesse processo é necessária a esperança. É ela que nos engaja na luta e nos permite seguir adiante, mudar. Como bem destaca Freire (2016), a ideologia da opressão, presente na realidade em que vivemos, acaba com a esperança e incute o fatalismo, fazendo com que as pessoas acreditem que nada pode ser feito para mudar o contexto vivido.

É da vocação ontológica para ser mais que a educação problematizadora parte, percebendo os sujeitos como seres inacabados, que estão em constante evolução e, por sua condição histórica, podem se desenvolver na comunhão, “na solidariedade dos existires” (FREIRE, 2020a, p.105), por isso não pode se concretizar a partir de relações estabelecidas entre opressores e oprimidos, e sim, a partir de relações entre alteridades, pautadas pela dialogicidade. Esta, que sempre é comunicação, funda a colaboração que se dá entre sujeitos

(FREIRE, 2020a). Outrossim, a paz é parte de um grande processo de humanização que aprofunda os valores e características que nos humaniza e controla a *hybris*³

Na mesma direção, Boff (2006) afirma que a paz não é um estado garantido previamente, portanto, não existe em si. Exige uma atitude ativa, de construção, que se faz e se refaz no cotidiano da vida, por cada pessoa, grupo e sociedade. Para Boff (2006, p. 8), a paz é “resultado de uma construção que começa nas profundezas do coração humano, se espalha pelas comunidades, se estabelece nas sociedades e se ancora em Deus”.

Na década de 1930, Albert Einstein enviou uma carta à Freud solicitando que ele comentasse sobre o problema da paz mundial a partir do seguinte problema: “existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça de guerra?” (UM DIÁLOGO..., 2005, p.21). Freud responde a carta a Einstein destacando que as comunidades elaboram leis a fim de evitar atos de violência, porém, “as leis são feitas por e para os membros governantes e deixa pouco espaço para os direitos daqueles que se encontram em estado de sujeição” (UM DIÁLOGO..., 2005, p.33). Além disso, “os membros oprimidos do grupo fazem constantes esforços para obter mais poder e ver reconhecidas na lei algumas modificações efetuadas nesse sentido — isto é, fazem pressão para passar da justiça desigual para a justiça igual para todos” (UM DIÁLOGO..., 2005, p.34). Portanto, Freud, em 1932, já destacava a relevância da justiça social para a construção da paz mundial, e a existência de diferenças entre opressores, nomeado por ele de membros governantes, e oprimidos, pessoas que se encontravam em estado de sujeição.

Francisco (2015) marca em diferentes partes da Encíclica *Laudato Si* que a questão emergente não é somente uma crise ecológica, mas uma crise socioambiental, que exige uma visão integral que possa “combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza (n.139). Na mesma direção de Francisco (2015), Boff (2012) evidencia a proposta de uma ecologia integral. Nela, refletimos e buscamos superar os desafios da ecologia em diferentes âmbitos: ambiental; social e político; mental e integral. A crise vivida atualmente exige uma reflexão e atitudes nas diversas dimensões.

A Carta da Terra, declaração elaborada por representantes de distintas áreas e países do mundo, propõe princípios éticos e valores essenciais necessários para uma sociedade mais justa, sustentável e pacífica. Ela teve seu início em 1992, na Rio 92 e foi ratificada em 2000. É um chamado diante da crise ambiental, social, política, econômica e espiritual.

Em seu preâmbulo, afirma que “estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro, [...] ou formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida” (CARTA..., 2000, p.1). Portanto, a necessidade de desenvolver um olhar amplo sobre a realidade se faz presente. Além disso, nesse próprio documento, é destacado a necessidade de se erradicar a pobreza e garantir o desenvolvimento humano de forma equitativa. Também reforça a proposta de João XXIII, na *Pacem in Terris*, de eliminar as armas nucleares, e acrescenta as armas biológicas e tóxicas. Estimula a promoção de atitudes solidárias e

³ *Hybris*, segundo Luc Ferry (2021, p.89) é um “descomedimento orgulhoso que leva os seres [...] a não saber guardar o seu lugar no meio do universo.”

cooperativas no âmbito interpessoal, dentro e entre as nações, percebendo a relevância desde o aspecto micro até ao macrossocial.

Outro aspecto marcante na Encíclica *Laudato Si*, é a visão otimista e encharcada de esperança que permeia todo o documento. Papa Francisco traz a realidade desafiadora, denuncia o cenário premente, faz um apelo a toda a humanidade, mas anuncia também a possibilidade de mudança, de construção de uma nova forma de viver em sintonia com o ambiente. A esperança “convida-nos a reconhecer que sempre há uma saída, sempre podemos mudar de rumo, sempre podemos fazer alguma coisa para resolver os problemas” (FRANCISCO, 2015, n. 61). Não prioriza os aspectos cinzentos da realidade, mas desvela a capacidade humana de superar desafios e encontrar soluções férteis. É uma proposta de resgate da “razão cordial” (BOFF, 2021), que busca a sintonia entre mentes e corações.

Freire (2021a; 2019b) ressalta a importância da esperança como uma exigência ontológica, isto é, um aspecto presente originariamente em todo ser humano por ser consciente de sua incompletude e de sua possibilidade de ir além sempre. É a esperança que permite ao homem manter sua busca, que se concretiza por meio da relação com outras pessoas, portanto, mediatizados pelo diálogo entre alteridades.

Fratelli Tutti*, a busca da superação do *dominus* ao *frater

Fratelli Tutti - todos irmãos - essa é a premissa de que parte a última Encíclica do Papa Francisco, publicada em 2020. Ora, perguntamo-nos o motivo de um documento que versa sobre a importância da irmandade sobre a Terra. A resposta vem do contexto atual: estamos imersos no capitalismo, que prioriza a competição, a eficácia e aumenta o fosso entre pobres e ricos. Essa maneira de viver nos trouxe a uma crise econômica e social global. Ainda, vivemos a pandemia da Covid-19, que deixou claro a dificuldade de agir em conjunto de forma consonante. Apesar de estarmos interconectados, o que me permite falar agora com alguém que está do outro lado do mundo, por exemplo, mostramo-nos incapazes de estabelecer atitudes em prol do bem comum e priorizando a cooperação (BOFF, 2021). Como afirmou Bento XVI (2009, n.19) “a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos”, ainda, notamos que prioriza os interesses individuais sobre os comunitários. Todo esse contexto gera uma situação generalizada de medo, pois em muitas situações, a violência é usada como forma de resolver conflitos pessoais e sociais.

A partir desse cenário, Papa Francisco elabora a *Fratelli Tutti*, que propõe a priorização e desenvolvimento de valores ausentes no modelo atual capitalista como fundamento de um novo “paradigma civilizatório”, tais como: “a irmandade sem fronteiras, o amor social, a cooperação entre todos, a solidariedade especialmente com os mais débeis, a ternura vivida também como valor político, bem como a gentileza no trato social” (BOFF, 2021, p. 186). O referido documento rejeita quatro pilares que sustentam a atual ordem mundial: na economia, o mercado; na política, o neoliberalismo; na cultura, o individualismo; na ecologia, a devastação da natureza (FRANCISCO, 2020).

Reafirmando o que já havia sido proposto na *Laudato Si*, Francisco (2020) aponta que o verdadeiro caminho para a paz é uma atitude mundial que garanta terra, teto e trabalho para toda a humanidade, isto é,

uma real justiça social em prática. É a partir de uma ética mundial de solidariedade e cooperação, pautada na interdependência e corresponsabilidade da família humana inteira, que a paz pode ser duradoura. Idealizar terra, teto e trabalho para todos, pode parecer utópico e irreal, porém, lembremos do que Freire (2019a, p. 36) afirma, “não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo”. Nesse sentido, a educação assume um papel essencial, como forma de desenvolver nas pessoas a percepção de que o mundo não está dado, mas nós e o mundo somos projetos a serem construídos e modificados, de acordo com nossos sonhos e utopias de um mundo melhor. Afinal, “os sonhos são projetos pelos quais se luta” (FREIRE, 2019a, p.62) e para que mudanças possam ocorrer, a primeira condição é a abertura ao novo, ao diferente e à dúvida (FREIRE, 2019).

Ciente dos desafios para desenvolver uma paz sólida, Papa Francisco (2020, p. 113) destaca que a “paz social é laboriosa, artesanal”, portanto é um processo lento e gradual que está envolvido, mas que pode permitir uma paz verdadeira e não superficial. Nesse sentido, é a cultura do encontro, da integração de realidades diferentes, nas quais seja possível respeitar as singularidades, que pode permitir o desenvolvimento de uma cultura da paz mais duradoura. Como preconiza Francisco (2020, p. 113), “armemos os nossos filhos com as armas do diálogo! Vamos ensinar-lhes o bom combate do encontro!”.

Freire (2019b) tem como uma de suas categorias fundantes o exercício do diálogo que permite preservar a singularidade de cada pessoa e, portanto, “não nivela, não reduz um ao outro” (p. 162). Permite que cada pessoa, cultura, realidade possa se manifestar, a partir de suas ideias, convicções e abrir-se à escuta do outro, em um movimento dialético que permite ampliar o olhar, desenvolver a consciência crítica e manter uma atitude de respeito que reconhece a alteridade do próximo. Como bem defende Freire (2020c, p.108, 109) “sendo o diálogo uma relação eu-tu, é necessariamente uma relação de dois sujeitos. Toda vez que se converte o “tu” desta relação em mero objeto, ter-se-á pervertido e já não se estará educando, mas deformando”. Porém, o diálogo não exclui o conflito, sob pena de se reduzir a um diálogo ingênuo (FREIRE, 2020c), pois o diálogo é dialógico.

Se o diálogo parte da concepção de uma relação entre alteridades, entre sujeitos, iguais na sua humanidade, mas diferentes em suas características, faz-se essencial o desenvolvimento da tolerância como virtude essencial. Mas falamos da tolerância a partir da concepção de Freire (2020b, p. 26).

A tolerância genuína [...] não exige de mim que concorde com aquele ou com aquela a quem tolero e também não me pede que a estime ou o estime. O que a tolerância autêntica demanda de mim é que respeite o diferente, seus sonhos, suas ideias, suas opções, seus gostos, que não o negue só porque é diferente. O que a tolerância legítima termina por me ensinar é que, na sua experiência, aprendo com o diferente.

E a tolerância como virtude que respeita o diferente é um desafio a ser superado em uma sociedade “globalizada” que busca eliminar todas as diferenças, sejam elas pessoais ou culturais, em busca de uma superficial unidade. Como destaca Francisco (2020), “se uma globalização pretende fazer a todos iguais, como se fosse uma esfera, tal globalização destrói a riqueza e a singularidade de cada pessoa e de cada povo” (n.100). Porém, uma abertura saudável ao diferente, a partir de uma atitude de tolerância e amabilidade, não

destrói a identidade – pessoal ou cultural, mas a enriquece com elementos e percepções de outras realidades, pois “uma cultura viva não faz uma cópia nem mera repetição, mas integra as novidades segundo modalidades próprias.” (FRANCISCO, 2020, n. 148)

Pensar em uma educação para a paz a partir da perspectiva de Francisco (2015; 2020), Freire (2020; 2021) e Boff (2021; 2022) presume pensar que ela não se faz em uma realidade fora do conflito. Este, busca a justiça social, a superação de uma educação bancária que introjeta conteúdos impostos nos educandos, percebidos como meros objetos, seres domesticados, que recebem o que lhe é oferecido em uma atitude passiva e disciplinada, que não promove a conscientização e a problematização da realidade. A educação bancária, opressora, visa a conquista, divide, separa conteúdos, perde a visão do todo. Não considera a cultura e a visão dos oprimidos, impõe a sua forma de pensar de uma forma colonizadora e invasora. Dessa maneira, promove a perpetuação dos conflitos, pois percebe o ser humano com uma consciência subserviente e nega sua vocação ontológica de ser mais, obstruindo e impossibilitando o processo de humanização das pessoas (FREIRE, 2020a).

É a partir de uma educação problematizadora, comprometida com a libertação e permeada pelo diálogo genuíno, que podemos desenvolver uma educação para a paz que contribui ao grande processo de humanização, a estar no mundo de uma maneira integrada e sintonizada ao cosmos. Como defende Francisco (2020) a paz social não consiste em algo superficial que surge abafando as reivindicações sociais e contendo as liberdades, esta paz seria frágil e efêmera para uma minoria da sociedade. A verdadeira paz presume uma cultura do encontro, que seja capaz de acolher as diferenças, superar os conflitos por meio de um diálogo entre alteridades, pautada pela verdade e justiça e movida pela esperança de construirmos uma fraternidade e amizade social. Nesse sentido, a educação está a serviço da possibilidade de que cada ser humano possa ser autor de seu destino (n. 187, 271).

Boff (2020a) sublinha a proposta de Francisco (2020) de passar do paradigma da dominação, *dominus*, para o paradigma da fraternidade, *frater*. “A política não deve submeter-se à economia e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia” (FRANCISCO, n.177), pois elas não estão a favor do bem comum. É a proposta de uma fraternidade universal, sonhada por todos, que poderá construir “uma única humanidade [...], como filhos dessa mesma terra que nos abriga a todos, [...] cada qual com a própria voz, mas todos irmãos” (n.8). Nesse sentido, Papa Francisco se inspira no testemunho vivido por São Francisco de Assis, “que se sentia irmão do sol, do mar e do vento [...]. Semeou paz por toda a parte e andou junto dos pobres, abandonados, doentes, descartados, enfim, dos últimos” (n. 2). Também “libertou-se de todo desejo de domínio sobre os outros” (n. 4). Essa é a proposta feita pelo Papa Francisco a todas as pessoas de boa vontade.

A educação tem um papel fundamental nesse sentido. Papa Francisco (2020) nos alerta que

o desenvolvimento de hábitos solidários, a capacidade de pensar a vida humana de forma mais integral, a profundidade espiritual são realidades necessárias para dar qualidade às relações humanas, de tal modo que seja a própria sociedade a reagir face às próprias injustiças, às aberrações, aos abusos dos poderes econômicos, tecnológicos, políticos e mediáticos (n. 167).

Portanto, pensar a vida humana de uma forma mais integral, presume conceber que a educação possui uma responsabilidade que inclui as diferentes dimensões, cognitiva, social, espiritual e emocional. O desenvolvimento de valores essenciais como respeito, solidariedade, tolerância e amabilidade podem ser desenvolvidos desde a mais tenra idade (FRANCISCO, 2020, n. 114).

Considerações Finais

Desenvolver uma análise interpretativa das Encíclicas papais *Pacem in Terris*, *Laudato Si* e *Fratelli Tutti*, a partir dos pressupostos epistemológicos de Freire e Boff, nos permitiu identificar que elas podem contribuir na educação para paz diante do cenário desafiador do século XXI. A seguir faremos algumas considerações que se destacaram nessa investigação.

Primeiramente pudemos identificar que as três Encíclicas referidas fazem uma dura crítica ao modo de produção capitalista e ao seu referencial ideológico neoliberal, como expressão filosófico-política, que prioriza o lucro máximo, o consumo desenfreado e uma atitude de dominação dos homens e mulheres sobre o ambiente. A submissão da política e de outras esferas à economia, demonstra uma falta de ações que sejam pautadas no bem comum e que incluam todas as gentes. Esse cenário gerou o antropocentrismo, no qual os seres humanos colocaram-se acima da natureza e do meio em que vivem, acentuando situações de violência. A tecnociência que trouxe inúmeros benefícios à humanidade, trouxe também a criação de armas nucleares que podem eliminar toda a humanidade. Criamos um meio de exterminar nossa própria espécie.

Outro aspecto marcante é que os três documentos papais são dirigidos a todas as pessoas de boa vontade e não somente aos cristãos, uma vez que “a paz é a plenitude criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com a totalidade maior da qual somos parte” (CARTA DA TERRA, 2000, p. 4). Assim, é preciso que, não somente os cristãos, mas toda a humanidade se envolva na construção de um ambiente de paz. Como bem destaca Papa Francisco, em sua Encíclica *Fratelli Tutti* (2000), “ninguém se salva sozinho, só é possível salvar-nos juntos” (n. 32).

A proposta das Encíclicas é que possamos dar um salto para um novo “paradigma civilizatório”, pautado em princípios e valores como a justiça, a fraternidade, a cooperação e o cuidado, por meio da dialogicidade. Urge desenvolver nas pessoas o sentido de uma comunidade global, uma civilização planetária (BOFF, 2003), que saiba articular o local e o global, o particular e o social, nos fazendo perceber que somos iguais em nossa humanidade e singulares em nossas características, e um polo não exclui o outro. Muito pelo contrário, é da tensão entre eles que podemos valorizar o que há de valor em cada situação. Boff (2020b, p. 46, 47) ressalta a importância da “viabilidade de uma *glocalização*; vale dizer, o acento será colocado no *local*, na região com suas especificidades geológicas, físicas, ecológicas e culturais, mas aberta ao *global*, que a todos envolve.

Um outro elemento importante nas Encíclicas que contribui para uma educação para a paz no século XXI é o entendimento de uma ecologia integral, que busca superar uma visão fragmentada da realidade e

propõe uma visão integrada das situações. “Uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (FRANCISCO, 2015, n. 49). Portanto, nessa perspectiva é inseparável a preocupação com a natureza e a justiça com todos, em especial com os esfarrapados do mundo. Somente assim poderemos construir a paz pessoal, social, nacional e mundial.

Uma das consequências possíveis diante da ideologia neoliberal na educação é que, “a partir do aceite dos valores e das realidades propostas pela ideologia neoliberal de mercado como estruturantes e imutáveis, perca-se o sentido da dúvida, da argumentação e da discussão que permitem sonhar, visualizar, descobrir, experimentar, criar e estabelecer outras possibilidades de entendimento, de existência e de manifestação da vocação humana” (FREIRE, FREIRE, OLIVEIRA, 2016, p. 116). Nesse cenário, a educação problematizadora oportuniza o questionamento da realidade, a denúncia das desigualdades, o desenvolvimento integral dos seres humanos, em comunhão com seus pares, por meio do diálogo entre alteridades que se respeitam. Nesse sentido, é fundamental que sejam elaboradas políticas públicas que favoreçam a reflexão sobre os problemas atuais que a educação apresenta, e indiquem práticas, inclusive presentes nos currículos, capazes de superar os desafios que se impõem diante do pensamento neoliberal.

Portanto, faz-se necessária uma educação que se constitua a partir de uma relação de ensino e aprendizagem entre educandos e educadores, que dialogam “mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1979, p.42). Uma educação que desenvolva a criticidade, a problematização, capaz de questionar a realidade e denunciar as injustiças presentes. Como afirma Freire,

é partilhar da luta dos que tentam escapar de suas variadas formas de opressão. É uma manifestação de apoio e uma postura existencial e política. Partilhar da luta do outro contra a opressão é unir-se a estes outros na conquista da justiça social, [...] é assumir uma ação libertadora (FREIRE, FREIRE, OLIVEIRA, 2016, p. 123).

Sobretudo, faz-se necessária uma educação permeada pela esperança nos homens e mulheres, na vida, na possibilidade de mudança, uma vez que ela percebe o ser humano como um projeto infinito, com a possibilidade de ser mais e, por isso, capaz de desenvolver sua humanidade no mundo.

Referências

- BENTO XVI. *Caritas in Veritate*: sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html . Acesso em: 06 set. 2022.
- BÍBLIA de Jerusalém. nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, Leonardo. *Crise: Oportunidade de crescimento*. Campinas, SP: Verus, 2002.
- BOFF, Leonardo. *Civilização Planetária: Desafios à sociedade e ao cristianismo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- BOFF, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível*. vol III: Comer e beber juntos e viver em paz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BOFF, Leonardo. **Terra e humanidade: uma comunidade de destino**. 2010. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/opiniaop/articulistas/2010/01/563770-terra-e-humanidade--uma-comunidade-de-destino.html> . Acesso em: 07 set. 2022.

BOFF, Leonardo. **As Quatro Ecologias: Ambiental, Política e Social, Mental e Integral**. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2012.

BOFF, Leonardo. **Francisco de Assis e Francisco de Roma: Uma nova primavera na Igreja**. 2ºed. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2014.

BOFF, Leonardo. **A Fratelli Tutti, um novo paradigma de sociedade mundial: de senhor (*dominus*) a irmão (*frater*)**. 2020a. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/604646-a-fratelli-tutti-um-novo-paradigma-de-sociedade-mundial-de-senhor-dominus-a-irmao-frater-artigo-de-leonardo-boff>. Acesso em: 10 set. 2022.

BOFF, Leonardo. **Covid-19 a Mãe Terra contra-ataca a humanidade: advertências da pandemia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020b.

BOFF, Leonardo. **O doloroso parto da Mãe Terra: Uma sociedade de fraternidade sem fronteiras e de amizade social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021a.

BOFF, Leonardo. **O fracasso da COP26: a ausência da razão cordial e sensível**. 2021b. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2021/11/17/o-fracasso-da-cop26-a-usencia-da-razao-cordial-e-sensivel/>. Acesso em: 12 set. 2022.

BOFF, Leonardo. **Habitar a Terra: qual o caminho para a fraternidade universal?**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

BOFF, Leonardo. **A enganosa proposta da COP-21**, 2015. Disponível em: <https://jornaldodiase.com.br/a-enganosa-proposta-da-cop-21/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

BEARD, S. J. **100 segundos para o apocalipse: como ler o Relógio do Juízo Final**, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-60129837>. Acesso em: 25 ago. 2022.

CARTA da terra. 2000. Disponível em: <https://earthcharter.org/wp-content/uploads/2021/02/Carta-da-Terra-em-portugues.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2022.

FERRY, Luc. **A sabedoria dos mitos gregos: Aprender a viver II**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 1979.

FREIRE, Paulo. **Discurso na Unesco**. 1986. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/1022> . Acesso em: 26 ago. 2022.

FREIRE, PAULO; FREIRE, Nita; OLIVEIRA, Walter Ferreira. **Pedagogia da solidariedade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 5º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 26º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 74º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância**. 7º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020b.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 42º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 70º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 35º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

FRANCISCO, P. **Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, P. **Fratelli tutti: sobre a fraternidade e a amizade social**. São Paulo: Paulus, 2020.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

HOBBS, Thomas. **Leviatã, ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

HOBBSAWN, Eric. **História do marxismo I**: O marxismo no tempo de Marx. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

IPCC. **Mudança do Clima 2021**: A Base Científica. 2021. Disponível em: https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/relatorios-do-ipcc/arquivos/pdf/IPCC_mudanca2.pdf. Acesso em: 25 ago. 2022.

IPCC. **Mudança do Clima 2022**: A Base Científica. 2022. Disponível em: https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg2/downloads/report/IPCC_AR6_WGII_TechnicalSummary.pdf. Acesso em: 8 dez. 2022.

JOÃO XXIII. **Pacem in Terris**. 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html Acesso em: 25 ago. 2022.

JOSAPHAT, Carlos. **Pacem in Terris**: os 56 anos de uma encíclica e a dimensão social do Evangelho. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/519545-a-enciclica-pacem-in-terris-como-a-dimensao-social-do-reino-de-deus-entrevista-especial-com-frei-carlos-josaphat> . Acesso em: 31 ago. 2022.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

SANTOS, Boaventura de Sousa; ARAÚJO, Sara; BAUMGARTEN, Maíra. As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 18, nº 43, p. 14-23, set/dez, 2016.

SANTOS; Maria do Socorro; MESQUIDA, Peri. **As matilhas de Hobbes: o modelo da pedagogia por competência**. São Bernardo do Campo: EDUMESP, 2014.

TORRANO, Jaa in HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. Trad. Jaa Torrano. 7. ed. São Paulo: Iluminuras, 2011.

UM DIÁLOGO entre Einstein e Freud: por que a guerra?. Santa Maria, RS: FADISMA, 2005. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05620.pdf> . Acesso em: 20 ago. 2022.

Submetido: 12/09/2022

Aceito: 12/01/2023